

ARTIGO

Os pródromos da imprensa socialista no Brasil: o legado de Antônio Pedro de Figueiredo

*The prodromes of the socialist press in
Brazil: Antônio Pedro de Figueiredo's
legacy*

*Los prodromos del periodismo
socialista en Brasil: el legado de
Antônio Pedro de Figueiredo*

Leticia Pereira Pimenta

Pontifica Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Resumo

O presente artigo analisa o pensamento de Antônio Pedro de Figueiredo (1814-1859), tradutor de Victor Cousin para o português, o que lhe rendeu a alcunha de “Cousin Fusco”. O autor associa o ecletismo à ideia de progresso material, o que resultou no periódico “O Progresso”, em que discute e busca rever algumas das principais teses da escola eclética. O socialismo apregoado por Antônio Pedro de Figueiredo visa minimizar a desigualdade social brasileira. A polêmica havida entre Antônio Pedro de Figueiredo e Pedro Autran da Matta Albuquerque girou em torno do que seria a doutrina e qual seria a eficácia do socialismo na melhoria das condições da população.

Palavras-chave: Socialismo. Periodismo. Fourierismo.

Abstract: This article analyzes Antônio Pedro de Figueiredo's (1814-1859) thought, who translated Victor Cousin to Portuguese, what gave him the nickname “Cousin Fusco”. The author connects the eclecticism to the idea of a material progress, what resulted in the magazine “O Progresso”, in which he discusses and review some of the more important thesis of the eclectic school. The socialism disclosed by him aims to minimize the Brazilian social inequality. The controversy between Antônio Pedro de Figueiredo and Pedro Autran da Matta Albuquerque focused in what would be doctrine and what would be the efficiency of socialism to improve the population conditions.

Keywords: Socialism. Periodic. Fourierist.

Resumen: El presente artículo analiza el pensamiento de Antônio Pedro de Figueiredo (1814-1859), traductor para el portugués de Victor Cousin, facto que le ha rendido el apodo de "Cousin Fusco". El autor asocia el eclecticismo a la idea del progreso material y eso resultó en el periódico "O Progresso", en el cual discute y busca rever algunas de las principales tesis de la escuela eclética. El Socialismo promocionado por Antônio Pedro de Figueiredo objectiva minimizar a la desigualdad social brasileña. La polémica que ocurrió entre Antônio Pedro de Figueiredo y Pedro Autran de Matta Albuquerque se pasó en razón de lo qué había de ser la doctrina y cual debería de ser la eficacia del socialismo en la mejora de las condiciones de la población.

Palabras clave: Socialismo. Periodismo. Fourierismo.

Antônio Pedro de Figueiredo: vida e obra

Em que pese a história não lhe tenha feito justiça, o legado de Antônio Pedro de Figueiredo, de tempos em tempos acena, do ‘horisonte esmaecido do passado’ (QUENTAL, 1872, p. VI). Quão embotados os fatos, quão amarelecidas as páginas que recontam os vãos que a história persiste em retirar o viço, quão maior o múnus de devolver-lhe o frescor. Descrito por Gilberto Freyre como “[...] o mulato admirável que se destaca dos doutoraços da época por sua visão clara e larga dos problemas brasileiros” (FREYRE, 1960, p. 338), sua obra em determinado ponto tangencia com os problemas levantados e mesmo suscitados pelo Conselheiro Autran. De origem humilde, Figueiredo teria uma existência marcada pelas dificuldades, pela parca condição econômica e sobretudo por um espírito intrépido, idílico e assaz obstinado.

Pobre, lutando com immensas difficuldades, sem mestres que o encaminhassem, sem livros que lhe servissem de guia na grande róta litteraria a que o seu gênio o impelira a transpor, Antônio Pedro de Figueiredo deixa o ninho paterno ainda bem jovem, domicilia-se no Recife, mais largo campo às suas aspirações, e atira-se sem treguas e sem descanso ao mais laborioso trabalho, aos mais assíduos estudos (PEREIRA DA COSTA, 1882, p. 145).

Um espírito vivaz e deveras incompreendido, sofreu forte oposição dos homens de seu tempo. Devido à sua tez mulata, recebera a alcunha de “Cousin-Fusco” uma vez que, aos 29 anos, realizara a tradução da obra de Victor Cousin, *Cours de l’Histoire de la Philosophie*, pela Typographia de M.F.de Faria, cujo primeiro volume, editado em 1843, compreendia a introdução à história da filosofia; e o segundo e o terceiro volumes, editados respectivamente em 1844 e 1845. Em 25 de abril de 1843 no *Diário de Pernambuco*, AP Figueiredo anunciava, em artigo, estar à venda o livro de Cousin, por ele traduzido. Enaltece o valor da obra de Cousin a quem se refere como o “Platão dos nossos dias”, salientando a premência “d’elle ser estudado por todos os brasileiros”. (FIGUEIREDO, 1843, p. 05)

A admiração por Cousin não partia apenas de Figueiredo, seu tradutor no Brasil; outros autores como Mont’Alverne também colhiam os seus louros. “Foi

pela mão de Cousin que outros países latino-americanos se iniciaram na Filosofia”.(CHACON, 1981, p. 80). Consoante Paim,

a familiaridade com a doutrina da Escola Eclética é alcançada graças a ida a Paris, nos anos 30 (do século XIX) de dois jovens, em busca de uma alternativa tanto para o sensualismo, com quem se tinha familiaridade, como para o espiritualismo renascente, mais afeiçoado com o ciclo da denominada Escolástica decadente (PAIM, 1991, p. 31)

Seu legado intelectual se expressa na tradução da obra de Cousin, que lhe rendeu a alcunha de Cousin-fusco; da obra de Ortolan, Da soberania do povo e dos princípios do governo republicano (1847), e de George Sand, As sete cordas da lira (1847). Publica um livro Noções abreviadas de filologia acerca da Língua Portuguesa de 1851. Foi editor da Revista O Progresso (1846-1848), e colunista de A Carteira, folhetim semanal do Diário de Pernambuco (1848-1849), sob o pseudônimo de Abdalah El-Kratif; possuía ainda artigos publicados nos periódicos A Imprensa, O Parlamentar, O Lيدador e Aurora Pernambucana. Alfredo de Carvalho preleciona ter sido o Diário de Pernambuco

o orgam genuíno de todo o Norte brasileiro, circulando profusamente de Alagôas ao Amazonas, onde não ocorria uma contenda política, nem uma controvérsia judiciária, que se não viesse debater nas suas columnas; condecorava-lhe semanalmente o rodapé com primorosos folhetins, cuja verve, erudição e amenidade invejam hodiernos chronistas, o formoso espírito de Antonio Pedro de Figueiredo, sob o pseudonymo de Abdallah El-Kratif (CARVALHO, 1908, p. 109).

Os referidos folhetins, intitulados “A Carteira”, que vinham sendo publicados desde 24 de setembro de 1855, às segundas feiras, demarcam um período de primazia intelectual para o matutino, a par do “retrospecto semanal”, a que se agregaria, em junho de 1857, a “Página Avulsa”, com o subtítulo “Bom dia!” e a assinatura Até amanhã (quando era sábado, assinada, até depois de amanhã), composta de notas breves e comentários sobre os fatos da cidade.

A nossa pobre Carteira não tem grao em academia alguma; he ignorante e obscura; mas os seus olhos procuram a grande luz da verdade, e onde quer que esta luz fulgure, para ahi corre, como as levianas libélulas após os raios do sol (ABDALAH-EL-KRATIF, 1855, p. 01).

Durante as décadas de 1840 e 1850, foi colaborador assíduo de diversos jornais recifenses (Diário de Pernambuco, A Imprensa, Aurora Pernambucana, etc.). Em A Carteira Abdalah El-Kratif elaborava crítica literária e teatral,

biografia de artistas, contos e lendas, traduções e assuntos locais, sofrendo todavia intervalos a partir da segunda quinzena de março de 1859, em razão de convalescença. Foi um dos colaboradores mais profícuos, “cuja penna só largou para cahir sobre o leito” (PEREIRA DA COSTA, 1882, p. 147), razão por que fora substituído por Antonio Rangel de Tôrres Bandeira, que manteve o mesmo pseudônimo.

Figueiredo e o embate com Pedro Autran¹

Pedro Autran Nasceu em Salvador em 01 de fevereiro de 1805, filho de Pedro Autran da Matta Albuquerque e Gertrudes Maria da Matta. Seu pai era francês de nascimento e naturalizado brasileiro, razão por que concluiu seus estudos de humanidades e, em 1821, vai para Paris estudar Medicina, curso este que abandonara findo o primeiro ano, transferindo-se para o Curso de Direito em Paris e tendo lá cursado um ano, vai para Aix-la Chapelle, onde isso pôde, enfim, se graduar, e posteriormente, se Doutor em Leis em 11 de agosto de 1827.

Autran casou-se duas vezes, cujo segundo matrimônio fora com a patrícia D. Júlia Carolina D’Alemcastro. Autran teve 16 filhos, sendo 9 da segunda esposa. Retornando ao Brasil, é nomeado, em 1828, lente, em exercício desde 31 de julho, sendo inicialmente substituto e secretário do Curso Jurídico em Olinda. Em 1830 torna-se catedrático do primeiro ano do curso, lecionando Direito Natural e, contando 25 anos de magistério, torna-se lente de economia

¹ Pedro Autran da Matta e Albuquerque nasceu em Salvador em 01 de fevereiro de 1805, filho de Pedro Autran da Matta Albuquerque e Gertrudes Maria da Matta. Seu pai era francês de nascimento e naturalizado brasileiro, razão por que concluiu seus estudos de humanidades e, em 1821, vai para Paris estudar Medicina, curso este que abandonara findo o primeiro ano, transferindo-se para o Curso de Direito em Paris e tendo lá cursado um ano, vai para Aix-la Chapelle, onde isso pôde, enfim, se graduar, e posteriormente, se Doutor em Leis em 11 de agosto de 1827. Dentre as obras que publicara, e o primeiro livro editado no Brasil, fora *Lições de Direito Público Constitucional*, traduzido por D.G.L. D’Andrade, de 1831; o segundo fora *Tática das Assembléas Legislativas*, de autoria anônima, e publicado em Lisboa em 1821 com tradução de Jose Maria de Avellar Brotero. A estes, sucederiam outras obras, como os *Elementos de Economia Política* de Stuart Mill, já mencionada supra, bem como o *Elogio da Loucura*, de Erasmo, tradução também de Autran; *Cartas de Echo a Narciso*, por Antônio Feliciano de Castilho; a tradução de *Micromegas*, de Voltaire; a novela de Anna Radcliffe, vertida do inglês, *A Caverna da Morte*; um compêndio de Gramática Portuguesa e *A Defesa*, de Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite.

política da Faculdade de Direito de Olinda, e depois em Recife, cadeira que ulteriormente pertenceria a Aprígio Guimarães. Mesmo após ser jubilado, segue Autran vinculado à instituição enquanto diretor da mesma.

Em 1832 lecionava Direito Natural com base em uma tradução sua dos Elementos de Direito Natural de Zeiler. Autran, em sua trajetória profissional, viria também a lecionar outras disciplinas, como Direito das Gentes e Diplomacia. Completos mais de quarenta anos de magistério, foi jubilado². Em sua estada no Rio de Janeiro, lecionou economia política no Instituto de Comércio da Corte. Pertenceu ao Conselho de Dom Pedro II e fora comendador da Ordem da Rosa e Cavaleiro Imperial da Ordem de Cristo.

Autran, além de exímio polemista, fora um notável tradutor. Versou para o Português obras como Elementos de Economia Política, de Stuart Mill, elaborada conjuntamente com os discentes Álvaro e Sérgio Teixeira de Macedo (1833)³, Direito Natural Privado, de Francisco Nobre Zeiller (1ª edição de 1840 e a 2ª de 1852); Elogio da Loucura, de Erasmo de Rotterdam, Jesus Christo e a Crítica Moderna, do Padre Félix (1862 e 1866), possivelmente De l'influence des mœurs sur les lois, de Jacques Matter e seguramente um livro acerca dos milagres de Nossa Senhora de Lourdes⁴ (Revista do Rio de Janeiro, p. 159).

Dentre as obras que publicara, e o primeiro livro editado no Brasil, fora Lições de Direito Público Constitucional, traduzido por D.G.L. D'Andrade, de 1831; o segundo fora *Táctica das Assembléas Legislativas*⁵, de autoria anônima, e publicado em Lisboa em 1821 com tradução de Jose Maria de Avellar Brotero. A estes, sucederiam outras obras, como os Elementos de Economia Política de

² Autran fora jubilado em 14 de novembro de 1870. Ver AGUIAR apud OLIVEIRA, 1871, p. 159.

³ Raconta Bevilacqua que Trigo de Loureiro procedeu a críticas acerbas a Autran que, melindroso redargiu, instaurando um embate entre os lentes de modo que Loureiro se refere a Autran como seu maior inimigo. Trigo de Loureiro, quando titular da cadeira de Economia Política, intentou encontrar erros na tradução de Autran “Invocando a sua qualidade de professor de Frances, matéria que havia lecionado no Colégio das Artes, Loureiro pretendeu apontar erros gravíssimos na tradução” (ARAGÃO, 1952, p. 14). De qualquer modo, em que pese a controvérsia, o fato é que Autran estudou em Aix-la Chapelle e Álvaro Teixeira de Macedo na Inglaterra, o que faria com que a crítica de Loureiro restasse despicienda.

⁴ Consta da Gazeta de Notícias de 29.11.1878 uma nota à pág.02, segundo a qual se informa a ocorrência de uma série de conferencias filosófico-religiosas acerca dos milagres de Lourdes a partir de 02 de dezembro de 1878 no convento de S. Bento. (Gazeta de Notícias, n. 40, 28.11.1878, p. 02)

⁵ A obra de Bentham fora de peculiar importância e de vasto uso para a constituição da técnica parlamentar dos políticos brasileiros no período imperial.

Stuart Mill, já mencionada supra, bem como o Elogio da Loucura, de Erasmo, tradução também de Autran; Cartas de Echo a Narciso, por Antônio Feliciano de Castilho; a tradução de Micromegas, de Voltaire; a novela de Anna Radcliffe, vertida do inglês, A Caverna da Morte; um compêndio de Gramática Portuguesa e A Defesa, de Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite⁶.

Em que pese sua posição de claro avanço em relação aos autores de tendência utópica, nota-se, porém, de sua parte, o influxo das ideias cristãs, talvez devido ao tempo de sua estada no Convento do Carmo. Figueiredo defendeu sua concepção política e social quando da diatribe com Pedro Autran, professor da Faculdade de Direito de Olinda.

O primeiro artigo da revista O Progresso intitulado “Exposição de princípios”, ao contrário do que parece, não se trata apenas de uma mera exposição de princípios, mas sim um pretenso postulado metodológico a ser empregado, a saber: uma preterida legitimidade a partir da razão e não de dogmas, com acentuado influxo das ideias de Bacon, sobremaneira, referente às possibilidades da investigação humana, uma defesa contundente dos progressos da técnica e da ciência e a ideia de síntese das partes, bem como, a busca da harmonia como critério para chegar à “verdade ideal”. O propósito que se impõe Figueiredo parte da necessidade de constituir um veículo impresso que estivesse voltado para as questões regionais, de modo a apresentar soluções e saídas para o desenvolvimento sócio-moral brasileiro desprovido de partidarismos.

Entretanto, ahi deparamos, com o maior pesar, estampada à página 7, uma imerecida acusação, proferida em nome do christianismo, contra alguns reformadores sociais, que tomaram o mesmo christianismo por ponto de partida. Por isso, rogamos ao autor deste escripto, aliás notavel, que se digne estudar as obras de St. Simon, Owen, e Fourier, e sobre todas, as do ultimo. Tudo é permitido ao crítico, menos o não ter lido os autores que pretende julgar (FIGUEIREDO, 1847, 208).

O contendor em questão trata-se de Pedro Autran da Matta Albuquerque, lente renomado da Faculdade de Direito do Recife, esgrimista das palavras e grande porta voz das ideias ultramontanas no país, o qual em artigos

⁶ A respeito, Pereira da Costa, Annaes Pernambucanos, 1831, p. 449. Disponível em: <<http://www.liber.ufpe.br/pc2/get.jsp?id=4901&year=1831&page=449&query=autran>>; CARVALHO, 1908, p. 44; BERNARDES apud BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia, 2010, p. 202-204; FREYRE, 1960, p. 46-48.

publicados no jornal A União, números 464-469, rebatia as ideias socialistas de Moraes Sarmento na Assembleia Geral apregoando que o socialismo se resume à “comunhão dos bens e mulheres” (ALBUQUERQUE, 1852, p. 03), posicionamento este com o qual de pronto discorda Pedro de Figueiredo, que passa a discorrer a respeito no Diário de Pernambuco e em seguida no folhetim A Imprensa. Em face disso, Figueiredo passa a ser tachado pelos redatores de O Liberal Pernambucano de republicano, socialista e inimigo da monarquia representativa.

Nas segundas feiras lê-se além da Pagina-avulsa um retrospecto da semana. É obra do Sr Antonio Pedro de Figueiredo [...] Suas opiniões manifestadas são republicanas e socialistas; ele aborrece o meio social em que vive e julga de toda a necessidade um reforma radical na sociedade que acabe de todo com a propriedade, com a religião, com as formas de governo conhecidas. Tudo o que existe é a seus olhos prejuízo. [...] O Sr. Figueiredo deve ver na monarchia representativa o seu maior inimigo, o seu mais terrível adversário; abale-a de qualquer modo e esteja certo de que há de produzir o chaos (O LIBERAL PERNAMBUCANO, 1857, p. 01).

Em uma nota do artigo “Variedades” de O Progresso, Figueiredo dilucida que ao à época da conclusão da edição de abril e maio do periódico quando recebe um exemplar de maio de Phileidemon, em cujo aduz ter sido alvejado por uma “[...] immerecida accusação, proferida em nome do Christianismo, contra alguns reformadores sociaes, que tomaram o mesmo Christianismo por ponto de partida” (FIGUEIREDO, 1847, p. 208). Em A União, periódico redigido por Autran e pelo Monsenhor Pinto de Campos, energicamente se opõe às ideias socialistas em julho e agosto de 1852, encetando a polêmica com Antônio Pedro de Figueiredo.

O que havia na família, antes que o socialismo a absorvesse na indivisão? Havia o casamento, a união do homem consigo mesmo pela separação dos sexos, a sociedade na solitude, um dialogo em um monólogo. Era a consumação da personalidade humana. O socialismo não viu nisso senão uma derrogação do seu princípio: permitindo-se a lascívia dos selvagens e a frequência dos adúlteros em uma civilização em crise, ele remediou tudo suprimindo o casamento, e substituindo a inviolabilidade do amor a licença dos coitos. (ALBUQUERQUE, 1852-II, p. 02)

Segundo Autran, não apenas os jesuítas e absolutistas acusam o socialismo de solapar o casamento, como também Proudhon, o “inimigo de Deos!” Elucida também que com isso, as mulheres tornam-se “comuns”, a menos que o socialismo defenda a castidade. Autran explicita que considera

como comunhão de mulheres “[...] o estado em que as mulheres tem trato carnal com vários” (ALBUQUERQUE, 1852-II, p. 03). Parafraseando Proudhon, que em carta a Villegardelle afirma que o socialismo não é senão “[...] vaidade e asneira”. Além da polêmica visão acerca do amor, da sexualidade e da mulher, Proudhon derrubou um a um os “ídolos” enaltecidos pelos socialistas e os “ultrademocratas”. Proudhon, no capítulo XII de *Système des contradictions économiques*, realiza crítica acerba ao conceito de comunidade. Comunidade, sob a acepção do autor, é um sistema servil, contrário ao exercício das faculdades humanas.

A refutação do conceito de comunidade de Proudhon se deu sob a forma de uma carta endereçada a Villegardelle, transcrita no capítulo XII. Proudhon asseverara que o comunismo visa implodir a instituição da família, induzindo, à “comunidade das fêmeas”. (PROUDHON, 1850, p. 31) De acordo com ele, a comunidade diz com as coisas e não com as pessoas. E a comunhão de pessoas ocorre, assim, por intermédio das coisas. A comunidade se vincula por meio do uso dos mesmos objetos. Assim, em razão da partilha do trabalho, dos prazeres, dos afetos, e mesmo, do leito, a pessoa torna-se “comum”. (PROUDHON, 1850, p. 30)

Ainda Autran, embasado na “*Théorie des quatre mouvements*” (1808), salienta que a relação entre os sexos se dá, reciprocamente: uma mulher com muitos maridos, um marido com muitas mulheres; evoca a liberdade plena; quer o amor livre, e a prostituição. O Fourierismo encontra, de acordo com Autran o equilíbrio da população, haja vista que resta comprovado que as meretrizes concebem muito menos do que as mulheres afeitas à vida doméstica e à castidade conjugal. Logo, amor livre é amor estéril.

Destarte, Autran se vale das ideias de Fourier e Proudhon, para ressaltar que a afirmação que outrora disse “socialismo cifra-se na comunhão de mulheres e bens”. Com isso, quer mostrar que esta expressão não corresponde a ideias forjadas pelo próprio Autran, senão pelos teóricos supracitados que assim o defendem. De igual modo, tal como ocorre com as relações afetivas, ocorre em relação à propriedade. Em face disso, Autran afirma que, uma vez demonstrada a coerência das ideias apresentadas, defende - se de uma possível acusação de falso testemunho:

Não assume o communismo a idéa da abolição da propriedade e da emancipação das mulheres e dos – são simonianos, a idéa do amor livre dos phalanstriamos ou fouristas? Creio, pois, senhor, que nenhum falso testemunho levantei ao socialismo, quando disse que ele cifra – se na communhão das mulheres e dos bens, e que vos tenho provado que ha socialistas que prégam uma e outra cousa. Tenho – vos respondido evitando tudo que pudesse offender vosso melindre, e estou que tereis para commigo a mesma atenção, advertindo – vos, porem que as minhas ocupaccoes me não dão tempo para polemicas (ALBUQUERQUE, 1852-I, p. 04).

Destarte, indo de encontro aos ataques viscerais de Autran ao socialismo, Figueiredo, que outrora o havia desafiado a demonstrar teoricamente quais expoentes teóricos do socialismo defenderiam a “monstruoso ideia de comunhão de bens e mulheres”. Seguro de suas convicções teóricas a acidez irônica de Figueiredo se salienta em um artigo publicado no Diário de Pernambuco de 12 de agosto, de 1852, quando refere:

Portanto, senhor, parece-me que a vossa argumentação nada tem de irresistivel, porque nada provastes em abono da vossa irreflectida asserção. Assim, podia eu parar aqui, aguardando citações mais concludentes. Entretanto, como tenho certeza de que não podereis achá-las, aproveito a occasião para dar a definição genuína desse mesmo socialismo que pintastes aos leitores da União, como *cifrando-se na communhao dos bens e das mulheres*. O socialismo não he uma doutrina, ainda não passa de uma aspiração; mas esta aspiração tende a reformar o estado social actual em prol do melhoramento moral e material de todos os membros da sociedade. Para este fim cada eschola socialista offerece meisdifferentes, mas não ha uma sequer, cujas intenções deixem de ser puras e generosas, cujo ideal não seja a realisação na terra dos princípios de liberdade e fraternidade (FIGUEIREDO, 1852-II, p. 02).

A polêmica girava em torno de qual seriam os benesses do socialismo. Figueiredo, assim, condena a atitude de Autran de induzir os leitores a erro ao fazer com que pensassem que o socialismo enquanto doutrina negaria os valores cristãos, e a própria existência de Deus. Figueiredo refuta alegando que, não apenas os socialistas adoram a Cristo como se autodenominam como legítimos sucessores dos seus apóstolos⁷.

Com efeito, de todos os socialistas é a realização na terra dos grandes princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, revelados ao mundo, há dezoito séculos pelo cristianismo desse reinado de Deus e da sua Justiça, onde todos os bens são dados ao homem, como diz o apóstolo (FIGUEIREDO, 1852-II, p. 144).

⁷ “O ideal de todos os socialistas é a realização na terra dos grandes princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, revelados ao mundo há dezoito séculos pelo cristianismo, desse reinado de Deus e da sua Justiça, onde todos os bens são dados ao homem, como diz o apóstolo.” (Nota do revisor: a autora não informou a referência).

Para sustentar sua tese, recorre ao princípio do direito divino isto é, os socialistas seriam defensores da prerrogativa da divisão dos bens doados por Deus. Autran sustentou que, ante à realidade brasileira, mesmo a Europa não estaria apta a recepcionar o socialismo na íntegra, e vivenciar a abolição do capital, a vida comunitária, gratuidade do crédito e igualdade e salários. Pedro de Figueiredo encerra a discussão nos seguintes termos: “[...] a fórmula geral da escola socialista a que pertença, é a realização progressiva do princípio cristão de liberdade, igualdade e fraternidade, efetuada sem violência, e por meio de medidas apropriadas às necessidades dos diversos países” (FIGUEIREDO, 1852-II, p. 106).

A idealização da Revista O Progresso

O valor histórico de O Progresso se encontra no fato de ter testemunhado um período de capital importância na formação do pensamento social brasileiro. O Progresso totaliza três números, subdivididos em oito partes: *Philosophia, Sciencias Sociaes e Politicas, Historia e Litteratura, Politica, Sciencias Physico Mathematicas, Poesias, Critica Bibliographica e Polemica e Miscellaneas*. O periódico aborda questões diversificadas, dentre discussões filosóficas, políticas, resenhas bibliográficas e trabalhos que abordam filigranas que vão de questões sobre o comércio internacional à liberdade de imprensa, colonização do Brasil, latifúndio territorial, bem como, traduções sobre a lei agrária, o comunismo na Alemanha, o socialismo na Suíça e a doutrina Santsimoniana.

O periódico se tornou um dos principais difusores do Fourierismo no Brasil que abraça o socialismo utópico, fundado em uma crítica frontal ao capitalismo, à civilização urbana, à industrialização, ao matrimônio e à monogamia. Em 1840 chega ao Recife o engenheiro francês Louis Lèger Vauthier, discípulo de Fourier, de Sant Simon, Robert Owen e outros socialistas europeus e fora sob esta atmosfera, que Pedro de Figueiredo se estimulou a idealizar O Progresso.

A iniciativa de criação da revista decorre do ambiente político do momento. Seus idealizadores não tinham como escopo um periódico que se

dirigisse simplesmente a ideais partidaristas, estando comprometido, sobremaneira, com a “causa da humanidade, a do povo que geme, paga e se cala”. (ALMEIDA, 2001, p. 39) Tal ideia, extraída do prefácio de Amaro Quintas é do próprio Antônio Pedro de Figueiredo que, em um diálogo fictício com outros quatro amigos, que caminhavam pelas ruas do Recife discutindo a situação da imprensa da época, que consideravam de baixo nível.

Importa, ao versar sobre o papel da imprensa naquele contexto, relembrar o embate entre Figueiredo e Autran, e a pretensão fradesca de aniquilar com as ideias socialistas de Moraes Sarmento discursadas na Assembléia, salientando ser o socialismo uma comunhão de mulheres e de bens. Figueiredo, discordando dessa leitura, passa a escrever no Diário de Pernambuco e em seguida no folhetim A Imprensa. Em razão da suas manifestações acerca do socialismo, Figueiredo passou a ser acusado, em 05 de janeiro de 1857 pelos redatores de O Liberal Pernambucano, de republicano, socialista e inimigo da monarquia representativa. (ALMEIDA, 2001, p. 40)

Figueiredo desconheceu os bancos da faculdade e nem por isso seu legado fora menos brilhante; as palavras que proferiu tiveram um impacto tal que estremeceu as estruturas da Faculdade de Direito do Recife quando o conselheiro Autran procede a um embate de ideias. Autran, polemista nato, já havia polemizado com Filipe Lopes Neto e Nascimento Feitosa.

A revista "*O Progresso*" circulou no Recife entre julho de 1846 e setembro de 1848, cuja ideiação foi devidamente recontada na primeira edição do periódico. O periódico O Progresso surgiu em meados de abril de 1846. Quatro homens, A, B, C e D, num passeio pelo Trapiche Novo rumo ao Bairro Santo Antônio no Recife. No percurso, os rapazes cruzam com um empregado público demitido pelo governo do liberal Chichorro da Gama, outrora objeto de crítica. A partir desse encontro chegaram à conclusão de que o governo, à medida que governava para os seus era uma mal a ser combatido. Sendo assim, criticaram o fato de que uma minoria vivia às expensas da população. Uma das formas para manifestar sua indignação perante as circunstâncias era forjar um periódico que despertasse a população para os desmandos do governo. Sendo assim, deram vazão à circulação a partir do dia 12 de julho de 1846, da revista social, política, literária e científica "*O Progresso*" (O PROGRESSO, 1847, p. 52-54).

A revista trazia bastantes traduções, como os temas da Lei Agrária, O comunismo na Alemanha, O socialismo na Suíça, Doutrina de Saint-Simon, dentre outras, sendo algumas com autoria, outras não. Contudo todas sem o nome do tradutor, o qual se presume seja o próprio editor e fundador da revista, já renomado pelas suas traduções anteriores.

O periódico foi um dos principais difusores do fourierismo no Brasil no que atine ao socialismo utópico baseado, dentre outras noções, na crítica ao capitalismo, à civilização urbana, à industrialização, ao matrimônio, à monogamia. A revista nasceu em meio ao clima de tensão havida entre os partidos ou facções políticas que faziam do Recife um campo de batalha. Este cenário bélico foi o mote para essa publicação que teve atuação diferenciada ante às demais como veículo de ideias com as quais se lançavam na disputa político-partidária.

Durante o período regencial e imperial, os jornais e periódicos mantinham uma relação direta com o debate político, “influenciando e, às vezes, até mesmo ditando temas e dilemas a serem discutidos pela sociedade como um todo.”(ALMEIDA, 2001, p. 40). Muitos desses jornais eram utilizados pelos políticos locais para travarem disputas com seus inimigos; e a revista O Progresso é exemplar neste sentido. Trata-se de um “veículo que assumiria o papel de pensar e propor saídas para o desenvolvimento social e moral brasileiro sem partidarismos.”(ALMEIDA, 2001, p. 45)

Deixada de lado desde o falecimento de Antônio Pedro de Figueiredo, a revista O Progresso só foi recuperada ante aos pedidos de Gilberto Freyre para que a mesma não caísse no esquecimento tendo em vista o legado que representa para o conhecimento do Brasil do século XIX. De acordo com Barbosa Lima Sobrinho,

Coube-lhe divulgar notícias e artigos a respeito da extensão do socialismo na Suíça, nas comunas da Alemanha, assim como em torno das ideias de Saint-Simon, ou das leis agrárias dos Estados Unidos, estudos a propósito de Constantino Pecqueur, um socialista otimista, da linha de Sismondi, convicto de que a revolução industrial concorreria para a felicidade da humanidade (LIMA SOBRINHO apud ABREU E LIMA, 1979, p. 20-21)

Tomando para si a tarefa de instruir os homens de seu tempo para a luta, o periódico O Progresso buscou construir um edifício teórico com o qual

pudesse “instruir as massas quanto a providencias de atitudes mais pacíficas e ordeiras.” Possuía a premência de constituir um discurso que conclamasse a conciliação nacional, “serenando os ânimos e ao mesmo tempo instrumentando teoricamente o grupo destinado a gerir o processo de reformas progressistas. (PERIOTTO, 2011, p. 149)

A construção de um pensamento elevado tal como apresentado em O Progresso merece análise detida de tal forma que delimite as condições que permitiram sua existência. Seu conteúdo se distinguia do tipo de imprensa produzido na época. A diferença qualitativa existente entre O Progresso e as demais publicações do período reside no fato de que a revista corresponde a um verdadeiro programa. O surgimento da revista, tal como foi organizada, possui a intenção de mostrar no que se constituía o progresso apto a modernizar uma nação, mas e sobretudo a maneira de conquistá-lo.

Gozando do privilegio bem raro em nossa terra, para não dizermos desconhecido, de possuirmos uma redacção perfeitamente uma de intenções e desenhos, teremos assim a vantagem de apresentar constantemente, no desenvolvimento do nosso pensamento proprio, ou na exposição das ideas de outrem, as memas doutrinas e os mesmos principios geraes, applicados aos factos de diversas ordens. (O PROGRESSO, 1846, p. 2)

A revista O Progresso e seu redator, Antônio Pedro de Figueiredo, merecem destaque na história do pensamento econômico brasileiro, haja vista que o teor que sai da pena desse intelectual pernambucano foi intencionalmente forjado para instruir quando propôs um debate que se pretendia civilizador.

Referências Bibliográficas

ABDALAH-EL-KRATIF. A Carteira. **Diário de Pernambuco**. Recife, p. 01, 22 ago. 1859.

_____. A Carteira. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 01, 10. dez. 1855

ABREU E LIMA, José Ignácio. **O socialismo**. Recife: Typographia Universal, 1855.

_____. **O socialismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ALBUQUERQUE, Pedro Autran. Sr, A.P. de Figueiredo. **A União**. Pernambuco, V. 5, n. 464, p. 03-04, 07 ago 1852.(I)

_____. Sr.A.P.de Figueiredo. **A União**. Pernambuco, V. 5, n. 494, p. 01-03. 16 out. 1852. (II)

ALMEIDA, Marcelo Francisco de. **A revista O Progresso e a proposta de reformas sociais**. 2001. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

CARVALHO, Alfredo de. **Annaes da Imprensa Periódica Pernambucana, de 1821-1908**. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1908.

CHACON, Vamireh. **História das ideias socialistas no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Comunicados**. Recife, 23.08.1859.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **O Centenário d'O Progresso**, Recife, p. 02, 12.07.1946

FIGUEIREDO, Antonio. A todos. **O Progresso – Revista Social, Litteraria e Scientifica**, Pernambuco, A. II, N. 02, 1847, p. 157-160.

FIGUEIREDO, Antônio Pedro de. Curso de História da Filosofia. **Diário de Pernambuco**. Recife, p. 04, 25 abr. 1843.

FIGUEIREDO, Antonio P. de. Senhores Redatores. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 144- 146, 23.08.1852.

FREYRE, Gilberto. **Um Engenheiro Francês no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

LARA, Tiago A. **As raízes cristãs do pensamento de Antônio Pedro de Figueiredo**. São João Del-Rei: Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, 1977.

MONTENEGRO, Olívio. **Memórias do Ginásio Pernambucano**. Recife: Assembleia Legislativo de Pernambuco, 1979.

O PROGRESSO – Revista Social, Litteraria e Scientifica. Variedade. Recife, p. 52-55. 1847.

O PROGRESSO – Revista Social, Litteraria e Scientífica. Exposição de princípios. Recife, p. 05-11, 1846.

O VOLCÃO. Recife, n. 5, 30.08.1847.

PAIM, Antonio. **A filosofia brasileira**. Lisboa: Ministério da Educação, 1991.

PAIM, Antonio. **Escola eclética**. 2ª ed. Londrina: CEFIL, 1999.

PEREIRA DA COSTA, Francisco. **Diccionario Biographico de Pernambucanos Célebres**. Recife: Typographia Universal, 1882.

PERIOTTO, Marcília. **O "espiral do progresso" e a felicidade da Nação: a instrução do povo e o advento do trabalho livre no Brasil de 1840 a**

1850. 2001. 208 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PROUDHON, Pierre. **Système des contradictions économiques ou Philosophie de la misère.** Paris: Garnier, 1850.

QUENTAL, Anthero de. **Primaveras românticas: versos dos vinte annos, 1861-1864.** Porto: Imprensa Portugueza Editora, 1872.

QUINTAS, Amaro S. Antônio Pedro de Figueiredo, o Cousin fusco. **Revista de História**, São Paulo, V. 16, n. 34, 1958, p. 287-304.

QUINTAS, Amaro S. **O sentido social da revolução praieira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto V. **Diccionario Bibliographico Brasileiro.** Vol. I. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883, p. 276-277.